Assim, ao oportunizar as crianças a liberdade de se movimentarem livremente em um ambiente seguro, brincar com tranquilidade, aproveitando os espaços e os materiais desafiadores, proporcionamos ás crianças, além da capacidade de descobrirem-se, a si mesmos e aos demais, a construção da sua identidade para desenvolverem-se plenamente.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brinquedos, brincadeiras e interações nas diretrizes curriculares para a educação infantil: manual de orientação pedagógica: módulo 1. Brasília: MEC/SEB, 2012 a. 64p. (Brinquedos e Brincadeiras nas Creches; v. 1).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brinquedos, brincadeiras e materiais para bebês: manual de orientação pedagógica: módulo 2.

Brasília: MEC/SEB, 2012b. 40p. (Brinquedos e Brincadeiras nas Creches; v. 2).

COELHO, Betty. Contar histórias: uma arte sem idade. – São Paulo:

Ática, 1997.

FRIEDMAN, Adriana et alii. O direito de brincar: a brinquedoteca. São Paulo: Scritta; ABRINQ, 1992.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (orgs.) Bambini: a abordagem italiana à educação infantil. Tradução: Daniel Etcheverry Burguño - Porto Alegre: Artmed, 2002.

GOLDSCHMIED, E; JACKSON, S. O cesto de tesouros. In: GOLDSCHMIED, E; JACKSON, S. Educação de 0 a 3 anos: atendimento em creche. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KAMII, Constance e DEVRIES, Rheta. Jogos em Grupo na educação infantil: implicações da Teoria de Piaget. Tradução: Marina Célia Dias Carrasqueira. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KINNEWY, Linda; WHARTON, PAT. Tornando visível a aprendizagem das crianças. Tradução: Magda França Lopes. - Porto Alegre: Artmed, 2009.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.) Jogo, brinquedo, brincadeira e educação. São Paulo: Cortez, 2008. KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação. 15ª. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

LOPES da Silva, I, Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

MELLO, Ana Maria et alii. O dia a dia de creches e pré-escolas. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MENEGHINI, R., & Campos-de-Carvalho, M. (2003). Arranjo Espacial na Creche: Espaços para Interagir, Brincar Isoladamente, Dirigir-se Socialmente e Observar o Outro Renata Meneghini. Psicologia: Reflexão e Crítica.

MOYLES, Janet R. Só brincar? Trad. Maria Adriana Veronese. - Porto

Alegre: Artmed, 2002

_____e Col. A excelência do brincar. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. - Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____. Fundamentos da Educação Infantil: enfrentando o desafio.

Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese, – Porto Alegre: Artmed, 2010.

RIBEIRO, Laura Cançado. Interação em sala de aula: questões conceituais e metodológicas. Belo Horizonte: UFMG, 1986.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et alii (orgs.). Os Fazeres na Educação Infantil. 11ª. Ed. Revista e ampliada. São Paulo: Cortez Editora,2009.

SHILLER, Pam; ROSSANO, Joan. Ensinar e Aprender Brincando. Mais de 750 atividades para educação infantil. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa.-

Porto Alegre: Artmed, 2008.

A IMPORTÂNCIA DAS ARTES VISUAIS NA SINDROME DE DOWN

ALESSANDRA DE CARVALHO MEIRES

RESUMO

Este trabalho acadêmico discute a importância e o papel da arte na educação e mostra como essa linguagem é importante na construção de conhecimento, favorecendo o desenvolvimento de diversos aspectos da cognição, da motricidade, os sociais e os afetivos. Outro importante fator a ser considerado são os aspectos relacionados ao uso da memória, do raciocínio, da concentração, da emoção, da expressividade, do movimento corporal, da interação do indivíduo com o meio, sua comunicação e sua linguagem. Este trabalho é realizado através de leituras e estudos de capítulos de livros, artigos e pesquisas que tratam da utilização e importância da arte na Educação. A cognição das pessoas com deficiência em sua positividade, ou seja, analisar suas singularidades para além da visão nega-

tiva da deficiência é uma questão ao mesmo tempo teórica e político. A arte educação em sua dimensão global possibilita que por seu intermédio, diferentes dimensões humanas possam se expressar e ser investigadas tornando dessa forma um processo interativo, possibilitando o desenvolvimento cognitivo, biopsicossocial e cultural do educando com deficiência.

Palavras-chave: Arte; Deficiência; Legislação; Arte; Inclusão.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo refletir sobre a importância das experiências relacionadas ao campo da arte, cultura e lazer nos processos de inclusão educacional e social.

Atualmente- novas orientações e a democratização de acesso às informações sobre o campo da Educação Inclusiva e sobre as necessidades, potencialidades e limitações da pessoa com deficiência contribuíram para a revisão de propostas no campo da Arte/Educação.

Esta discussão é importante para que possamos compreender os limites e possibilidades da proposta da inclusão para as pessoas com deficiência intelectual dentro de uma escola regular e, a partir disso, construir práticas e políticas de inclusão que de fato sejam bem-sucedidas.

Ao pensar numa educação inclusiva na Educação Infantil pensa-se logo na sua estrutura, nos profissionais, no espaço e recursos, ou seja, como a escola deve estar preparada para receber as crianças, oferecendo-lhes uma educação significativa e de qualidade, onde todos possam estar inseridos num contexto acolhedor e motivador, pois é nesse período que se inicia o processo de aprendizagem. Lembre-se que esta é uma fase de maior manutenção das condições motoras e maiores progressos nas áreas sociais e mentais, que nem sempre são tão visíveis. Este é um período compreendido pelas idades de 2 a 5 anos não deve ser entendida de forma rígida, toda a criança requer atenção; todas as crianças são diferentes e muitas precisam passar por atividades muito simples, e só depois se devem desenvolver atividades mais complexas.

Todas as crianças com Síndrome de Down se beneficiam em se misturar com colegas com desenvolvimento típico. Muitas vezes eles ficam felizes em agir como os colegas e geralmente os usam como modelos para o comportamento social apropriado e motivação para aprender. Os objetivos específicos analisados foram; Reconhecimento das principais rotinas do dia.

As artes ensinam os jovens sobre beleza, proporção e graça. Os alunos podem examinar o conflito, o poder, a emoção e a própria vida. O poder das artes está em sua maravilhosa capacidade de nos dar alegria, nos ajudar a entender a tragédia, promover a empatia e tornar viva a palavra escrita. De acordo com Silvestre (2010, p.17):

Independente da cultura que o aluno possui, é dever e direito da escola saber integrar diferentes culturas, e valorizar cada vez mais as culturas de diferentes povos, trabalhando na perspectiva de incentivar os alunos para reconhecerem se a eles próprios. Trabalhar com diferentes culturas, ou com culturas locais oportuniza o aluno cada vez mais a se conhecer e conhecer o outro, e o mundo no qual está inserido (SILVESTRE, 2010, P.17).

As artes fomentam níveis mais elevados de pensamento que se transferem para o aprendizado de outros assuntos acadêmicos, assim como para a vida fora da escola. Por meio das artes, as crianças aprendem a observar, interpretar, ver diferentes perspectivas, analisar e sintetizar. Em um mundo em que os estudantes precisam frequentemente percorrer um mar de informações para determinar quais fatos são confiáveis e relevantes para um determinado tópico, as habilidades de pensamento crítico são fundamentais para a prontidão da faculdade e para a aprendizagem ao longo da vida. De acordo com Ferraz e Fusari (2009):

É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se reconhecerem, e ao conhecê-lo. Em outras palavras, o valor da arte está em ser um meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências. A atividade de desenhar para as crianças, por exemplo, é muito importante, pois favorece a sua expressão e representação do mundo (FERRAZ e FUSARI, 2009, p.18).

Assim sendo, conhecer a forma de relacionamento existente entre os membros da família e a pessoa com Síndrome de Down desde o início da vida, pode contribuir para uma melhor exploração do trabalho de estímulo, educação e profissionalização não só com o objetivo de aquisição de habilidades ou da conquista de marcos importantes do desenvolvimento, mas também favorecer a ligação afetiva entre família e a pessoa que tem a Síndrome, com isso ampliando sua possibilidade de participação social.

O autor defende que a arte com A maiúsculo tornou-se uma espécie de rótulo desejado por muitos artistas, e que tantos outros mergulham em profunda decepção quando ouve de alguém que aquilo que produzem não é arte. Nas palavras do autor, transformou-se em fetiche e, ao mesmo tempo, em bicho-papão. Uma busca dos artistas em troca de reconhecimento, em que não podemos deixar de considerar a influência da crítica, da percepção de beleza de cada sujeito, e também da cultura onde se está inserido. Ao continuar a busca por respostas, podemos nos deparar também com importante definição apresentada por

Jorge Coli, que relaciona a arte diretamente ao sentimento e à cultura, afirmando que Arte é certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirado, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia. Portanto, podemos ficar tranquilos: se não conseguimos saber o que a arte é pelo menos sabemos quais coisas correspondem a essa ideia e como devemos nos comportar diante delas (COLI, 1995, p. 8).

HISTORÍCO INCLUSIVO

A escola está inserida na sociedade e na inclusão social, a educação não é privilégio, mas um direito universal, e tanto o acesso quanto a permanência no sistema educacional constituem dever e direito obrigatório, garantindo acesso no ensino regular e oportunidades para todos. Na educação escolar a inclusão veio indicar transformações profundas ao sistema organizacional e as propostas curriculares vigentes. A meta de a inclusão escolar objetiva transformar as escolas, de modo que se tornem espaços de formação e de ensino de qualidade para todos (MANTOAN, 2002).

A Declaração de Salamanca (1994) é um marco nas Políticas Públicas direcionadas à inclusão quando reporta-se à escola como "lugar onde todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter" (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 101).

Porém, foi no início do século XX que se deu início aos primeiros passos sobre a inclusão, onde o ser passa ser visto como cidadão de direitos e deveres. Em 1948 surge o primeiro documento dessa nova visão sobre a inclusão, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que vem permitir o direito à educação a todas as pessoas (SALAMANCA, 1994).

Esta declaração fortalece o propósito de oportunidade de ensino à todas as pessoas, buscando assim "o compromisso de viabilização de uma educação de qualidade, como direito da população, que impõe aos sistemas escolares a organização de uma diversidade de recursos educacionais" (Sousa, Prieto, 2002, p. 124-125). Este compromisso dá um novo significado à escola, de tal forma a modificar os padrões considerados homogêneos, para atender o propósito de Educação para Todos, dando oportunidade para pessoas com diferentes necessidades à possibilidade de inserção no sistema educacional. A Declaração vem frisar o respeito às diferenças, às capacidades e às habilidades de cada criança, de acordo com seu desenvolvimento e de sua aprendizagem (SALAMANCA, 1994).

No início do século XXI é que o conceito de inclusão escolar ganhou força, surgindo uma nova etapa que revolucionou a visão de uma educação especial, no Brasil. A Legislação passa a garantir direitos básicos a educação e trabalho, que determinou o aumento e participação das pessoas com deficiência nos espaços sociais. As escolas apresentam resistência e dificuldades perante a inclusão, principalmente quando é inserido um aluno com deficiência. Alunos com deficiência são aqueles que, por alguma espécie de limitação requerem certas modificações ou adaptações em programa educacional, a fim de que possam atingir seu potencial máximo. Em sua visão holística inclusive predial podem decorrer de problemas visuais, auditivos, mentais ou motores, bem como de condições ambientais desfavoráveis (SALAMANCA, 1994).

Nos anos 90, criada na Tailândia, de 5 a 9 de março de 1990, a Declaração Mundial Sobre a Educação para Todos deixa explícito o direito à educação: "Cada pessoa - criança, jovem ou adulto - deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem" (SALAMANCA, 1994).

É necessário mergulhar na educação em toda a sua complexidade, em toda sua rica variedade, de conhecer o outro, desfazendo ideias preconcebidas e discriminação impensada, e de ver a heterogeneidade como algo rico e valioso. "[...] Opor a aventura da diferença, a curiosidade intelectual, à monotonia de um padrão único é uma atração no aprendizado" (MINDLIN, 1998, p.12).

A autonomia e a independência são prismas que devem fazer parte das decisões de todos os seres humanos, nos âmbitos das influências(relações) e das satisfação. Filosoficamente todos têm direitos as mesmas oportunidades, e devem estar ligada a princípios como: aceitação das diferenças individuais, valorização, respeito a diversidade, aprendizagem através da cooperação. Um processo que contribui para a construção de uma sociedade, sendo capaz de transformar os ambientes físicos nos procedimentos técnicos, e pedagógicos nas ações e mentalidade das pessoas (SALAMANCA, 1994).

A função da escola, em muitos casos é a repetição do status quo existente fora de seus muros, na sociedade. Manter o status quo, seria o que Mclaren chama de currículo oculto "[...] que desobriga o professor da necessidade de engajamento num auto- escrutínio pedagógico ou em qualquer crítica séria de seu papel na escola, e da escola na sociedade em geral" (MCLAREN, 1997, p. 242). É impossível pensar um sistema educativo inclusivo mantendo o mesmo sistema inalterado.

Tem em seu bojo uma educação fundamentada na filosofia inclusiva e deve enfrentar o desafio que garante o acesso aos conteúdos básicos que a escolarização deve proporcionar a todos os indivíduos. A educação atualmente vem rompendo e derrubando antigos paradigmas e barreiras, reformulando novos conceitos (MINDLIN, 1998, p.12). Conforme a

LDB n. 9394/96, capítulo II, Art. 26, inciso 2º "O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos". Sabemos que a educação básica em nosso país é obrigatória para todas as crianças e adolescentes logo, podemos pensar que o objetivo da escola – e do ensino da arte – é para todos independente de raça, etnia, cultura e diferença. A arte está ligada na nossa história, em nossa cultura e em nosso aprendizado (MINDLIN, 1998, p.12).

A educação inclusiva tem como princípio a valorização da diversidade, dentro da sociedade, e quando abraçamos essa causa, deixamos de lado a ideia que só a criança "normal", sem deficiência contribui para a sociedade. As escolas devem acolher todos os alunos independentes de suas condições intelectuais, sociais, emocionais ou outras. O desafio proposto para uma escola inclusiva é o de desenvolver do ponto de vista pedagógico, um currículo que contemple a necessidade do educando, sendo capaz de educar com sucesso todos que nela está inserido (MINDLIN, 1998, p.12).

DESENVOLVIMENTO SOCIAL DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Dando ênfase as estratégias é dar tempo para o processamento da linguagem e para responder. As crianças com Síndrome de Down onde o seu escutar atentamente e valorizado – seu ouvido irá se acostumar a ouvir. Falar sempre frente à frente e com os olhos nos olhos do aluno. Usar linguagem simples e familiar, com frases curtas e enxutas. Checar o entendimento – pedir para a criança repetir instruções dadas. Evitar vocabulário ambíguo. Reforçar a fala com expressões faciais, gestos e sinais. Ao ensinar a ler a criança com Síndrome de Down usar palavras impressas para ajudar a fala e a pronúncia. Reforçar instruções faladas com instruções impressas, usar também imagens, diagramas, símbolos e material concreto. Enfatizar palavras-chave reforçando- -as visualmente.

Nas análises de diferentes dificuldades das crianças com Síndrome de Down, evidenciam-se que os maiores problemas está em aprender e usar a linguagem social. Entender linguagem específica apresentada no currículo e compreender instruções torna-se grandes dificuldades. Além disso a combinação de ter uma boca menor e músculos da boca e da língua mais fracos torna a formação das palavras fisicamente mais difícil, e quanto maior as frases maiores ficam os problemas de articulação.

Segundo (TUNES. 2001) a consequência disso é que a criança, Ganha menos experiência de linguagem que lhe dê oportunidade de aprender novas palavras e estruturas de período, Tem menos oportunidade de praticar para tentar falar com mais clareza.

Muitas crianças com Síndrome de Down tem uma capacidade de concentração mais curta e são facilmente distraídas. A intensidade do aprendizado com apoio, especialmente quando ele se dá individualmente é muito maior e a criança se cansa mais facilmente do que a criança que não necessita deste apoio. Outra estratégia é construir uma gama de tarefas curtas, focalizadas e definidas claramente nas aulas, e deve variar o nível de demanda de tarefa para tarefa sempre variando o tipo de apoio, ou use os outros colegas para manter o aluno trabalhando.

Problemas de fala e linguagem para estas crianças normalmente significam que menos oportunidades lhes são oferecidas para manter uma conversação. É mais difícil para eles pedir informação ou ajuda. Os adultos costumam fazer perguntas fechadas, ou terminar uma frase pelas crianças sem lhes dar tempo para falarem por si próprios nem ajudar para que eles consigam fazê-lo.

trabalhando. É importante não esquecer a criança na hora da rodinha, situe o aluno próximo ao professor (sem sentar no colo!). Providencie um quadrado de carpete para que a criança fique sentada no mesmo lugar. O Trabalho no computador às vezes ajuda a manter o interesse da criança por mais tempo, uns vinte minutos. Criar uma caixa de atividades é útil para as horas em que a criança terminar sua atividade antes de seus colegas sem precisa mudar de tarefa ou precisa dar um tempo. É válido também colocar sempre uma série de atividades que o aluno gosta de fazer, incluindo livros, cartões, jogos de manipulação, etc. Isso encoraja a escolha dentro de uma situação estruturada. Deixar que outra criança participe é uma boa maneira de propiciar a amizade e cooperação.

É nesse sentido, que se entende que a criança é um ser em formação e que necessita de cuidados, de apoios vindos não somente da família, mas da sociedade em si, essa é a forma de educar e prepará-los para enfrentar o futuro de forma autônoma, capazes de saber interpretar tudo à sua volta É nessa perspectiva que a Educação Infantil passa a ser valorizada buscando além do cuidar uma forma significativa de educar, portanto, pensa-se em instrumentos que articulem o processo pedagógico nesta etapa de ensino, com isso o Conselho Nacional de educação (2009), aprova através do parecer CNE/CEB nº 20/09 e Resolução CNE/CEB nº 05/09 as Diretrizes Nacionais da Educação

Infantil (DCNEI, 2010, p. 11), que tem como objetivos: "Reunir princípios, fundamentos e procedimentos (...), para orientar as políticas públicas e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares de Educação Infantil". Brasil discorre também que:

Em cada criança, adolescente, jovem

ou adulto, há uma criatura humana em formação e, nesse sentido, cuidar e educar são, ao mesmo tempo, princípios e atos que orientam e dão sentido aos processos de ensino, de aprendizagem e de construção da pessoa humana em suas múltiplas dimensões (BRASIL, 2010, p. 18).

As artes ensinam os jovens sobre beleza, proporção e graça. Os alunos podem examinar o conflito, o poder, a emoção e a própria vida. O poder das artes está em sua maravilhosa capacidade de nos dar alegria, nos ajudar a entender a tragédia, promover a empatia e tornar viva a palavra escrita. De acordo com Silvestre (2010, p.17):

Independente da cultura que o aluno possui, é dever e direito da escola saber integrar diferentes culturas, e valorizar cada vez mais as culturas de diferentes povos, trabalhando na perspectiva de incentivar os alunos para reconhecerem se a eles próprios. Trabalhar com diferentes culturas, ou com culturas locais oportuniza o aluno cada vez mais a se conhecer e conhecer o outro, e o mundo no qual está inserido (SILVESTRE, 2010, P.17).

A criação de arte permite que os alunos vivenciem como é ser membros ativos de uma comunidade e trabalhar em equipe para determinar e alcançar objetivos comuns. Ao desenvolver uma produção teatral, uma performance em grupo ou qualquer tipo de empreendimento artístico colaborativo, os alunos praticam a arte do trabalho em equipe. À medida que trabalham juntos, aprendem a entender as diferenças e a diversidade e a perceber as maneiras pelas quais o trabalho em equipe contribui para um ótimo desempenho. Por também ensinar os alunos a viver e trabalhar juntos, as artes contribuem para tornar as escolas mais seguras e ambientes de aprendizagem mais pacíficos. Nas artes, os alunos aprendem a articular suas intenções, recebem e oferecem críticas construtivas e ouvem ativamente as ideias dos outros (SILVESTRE, 2010, P.17).

SÍNDROME DE DOWN E A SUA CARACTERIZAÇÃO

As características desta síndrome foram descritas pela primeira vez em uma publicação pelo médico inglês John Langdon Down em 1866, e por isso leva seu nome. Posteriormente à essa primeira descrição, outros registros sobre a Síndrome de Down foram publicados por Mitchell em 1876, e por Ireland em 1877, e reforçaram além das características físicas, a deficiência mental, considerando tais pessoas como "idiotas" (PUESCHEL, 2005). Esta nomenclatura "idiota" foi utilizada de 1886 a 1913 para se referir a pessoas com déficits intelectuais (COLL; PALACIOS; MARCHESI, 1995).

Há pouco tempo, crianças nascidas com Down eram afastadas do grupo social e familiar e, geralmente, não viviam mais do que 30, 35 anos. Quando se começou a investir na estimulação precoce para estimular o desenvolvimento dessas crianças e de suas potencialidades, a expectativa de vida aumentou notavelmente e, ainda que num ritmo mais lento, elas se mostraram capazes de superar as limitações e foram sendo integradas na sociedade. Em entrevista para o site Drauzio Varella o médico MUSTACCHI (2012) afirma:

Nos últimos 20 anos, pessoas sem a síndrome tiveram um ganho de sobrevida de dez anos, isto é, a expectativa de vida passou de 60 para 70 anos. Nesse mesmo período, a sobrevida na população com síndrome de Down foi de 25, 30 anos para 60, 65 anos. Portanto, elas ganharam 30 anos de sobrevida com qualidade graças à atenção médica e da família que passaram a receber (MUSTACCHI, 2012).

É importante ressaltar também que a Síndrome de Down não é uma doença e que não há um tratamento medicamentoso para ela. Sendo assim, "pessoas com Síndrome de Down devem ser aceitas como são [...] observando seus direitos e privilégios de cidadão e preservando sua dignidade humana" (PUESCHEL, 2005, p. 103).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da Arte é importante na vida do ser humano que, por meio das diferentes linguagens artísticas, pode se expressar com seus olhares, movimentos e pensamentos. Com a arte podemos enxergar o mundo em milhares de formas de pensar, imaginar, criar e se deslumbrar do que o homem é capaz de fazer.

Em termos de Arte Educação, é possível ter um ambiente escolar que reconheça os sentidos para a promoção do conhecimento artístico e também na busca da auto expressão e autonomia possível de cada sujeito, cientes de seu mundo, promovendo por meio das experienciais estéticas, do fazer e perceber a arte como linguagem.

O Aluno com Síndrome de Down geralmente levam mais tempo para aprender e consolidar coisas novas e a habilidade de aprender e absorver o aprendizado pode variar de um dia para o outro. Desta forma a estratégia analisada neste artigo oferece mais tempo e oportunidade para repetições adicionais e reforço dentro de um convívio prazeroso para ambas as partes família sociedade e a criança.

A arte na escola faz a diferença na vida de todos por oportunizar momentos de descobertas em que o professor é o principal mediador da relação ensino e aprendizagem com o aluno. O professor é o principal intermediador no processo de ensinar e compreender a arte em suas diferentes linguagens. Sabemos que todas as pessoas são capazes de produzir arte, inclusive as pessoas portadoras de deficiência que se descobrem nessa área transformando esse meio de comunicação em trabalho, por seu